



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornalista Insun Kang, do jornal coreano Chosum Ilbo
Palácio do Planalto, 20 de maio de 2005**

Jornalista: O senhor está animado com a perspectiva da viagem para a Coreia?

Presidente: Estou. Estou animado porque a Coreia é um país importante. E acho que a relação Coreia e Brasil pode ser infinitamente melhor do que hoje. Eu vejo com muito otimismo a minha passagem por lá, com ministros e com empresários. Eu penso que deverá aumentar ainda mais o entrosamento comercial entre Coreia e Brasil.

Jornalista: As pessoas falam do efeito do choque “lulismo”. Qual o segredo da sua popularidade no Brasil e no mundo? Porque na Coreia eu nunca vi um presidente de outro país tão popular, todo mundo conhece seu nome.

Presidente: Olhe, eu acredito que, possivelmente, seja porque havia uma expectativa negativa com relação à minha eleição. O mundo econômico, os países que têm relações com o Brasil tinham muita dúvida se o Lula conseguiria governar o Brasil. E, depois, tem a questão do projeto de combate à fome, que tem uma repercussão importante nos outros países.

Eu acho que tudo isso ajudou para que as pessoas passassem a conhecer um pouco mais o Brasil. A impressão que eu espero que o povo coreano tenha de mim será depois da visita, se nós conseguirmos concretizar acordos importantes para os dois países.

Acho que o Brasil tem muito o que aprender com a Coreia, no que diz respeito a investimento em educação. E eu acredito que, nos próximos anos,



Brasil e Coréia estarão muito mais próximos, a nossa balança comercial será muito maior, nos dois países. E eu penso que tanto Coréia quanto Brasil poderão trabalhar juntos em muitos projetos. Então, eu acho que a partir da minha visita, aí sim, eu vou ver que impressão eu deixei na Coréia.

Jornalista: Está planejando algum evento?

Presidente: Não, eu vou cumprir uma agenda. Eu ganhei até uma roupa... Eu ganhei uma roupa, minha mulher ganhou uma roupa da Coréia para vestir. Mas eu acho que eu não vou ter ocasião para vestir, porque aquilo teria que ser num jantar não oficial. Mas, de qualquer forma, há muitos anos eu tenho vontade de conhecer a Coréia e agora, como Presidente, vou poder conhecer a Coréia.

Jornalista: Os coreanos têm muito interesse em conhecer o presidente Lula, mas também têm interesse na pessoa Lula. A gente já leu e o senhor já falou muito sobre o papel da sua mãe, que afetou muito a sua vida, lições, para ser o que o senhor chegou a ser. Poderia elaborar um pouco?

Presidente: Olha, primeiro, eu trabalho aqui na Presidência com a mesma cabeça que eu trabalhava no Sindicato, com a mesma cabeça que eu trabalhava no PT, porque eu acho que herdei da minha mãe uma coisa que eu considero importante na vida de um ser humano, ou seja, ter sempre a convicção de que eu só posso fazer as pessoas acreditarem em mim se eu mesmo acreditar em mim. A minha mãe era uma mulher analfabeta, mas tinha muita personalidade, e eu acho que eu herdei isso dela, eu me considero uma pessoa muito equilibrada e muito tranqüila com relação às decisões que eu tomo. Então, a minha mãe virou uma espécie de símbolo para mim, pela coragem dela, pela trajetória de vida dela, ela é a minha referência de



comportamento humano, eu não precisei aprender fora de casa.

Jornalista: Também existe essa história, que se comenta muito, de que o senhor começou com o líder de esquerda, mas hoje as políticas estariam decepcionando a expectativa de muitos companheiros. Isso está indo muito bem, está fazendo muito bem para o país, mas como é que o senhor explica isso para quem sempre apoiou o senhor no país?

Presidente: Veja, primeiro eu sempre fui do movimento sindical... a direita me chamava de comunista e os comunistas me chamavam de pelego. Por quê? Porque logo cedo, no movimento sindical, eu adquiri respeitabilidade e não me vinculei a nenhuma matriz ideológica, eu mantinha uma posição de independência com relação às afinidades partidárias e eu sempre tive esse comportamento. Obviamente que, de vez em quando, as pessoas me lembram: “quando você era presidente do Sindicato, você dizia tal coisa”. Ora, mas um presidente de um sindicato pode dizer coisas que um presidente não pode dizer. Antigamente, a minha categoria era de 200 mil trabalhadores, hoje a minha categoria são 180 milhões de habitantes, hoje eu não falo para os operários só, eu tenho que falar para a sociedade brasileira. Então, às vezes, as pessoas...

Eu vou lhe dar um exemplo: nós passamos metade da nossa vida gritando “fora FMI”, metade da nossa vida carregando faixas. Então, quando eu entrei no governo, uma parte dos meus companheiros achava que eu ia romper com o FMI. Ora, acontece que o Brasil não tinha condições de romper com o FMI, porque era preciso que fizéssemos um pouco de reservas para que pudéssemos prescindir do FMI. Então, o que aconteceu? Dois anos depois, nós não temos mais acordo com o FMI, não precisei gritar “fora FMI”, apenas criei as condições para não precisar mais do FMI. E, muitas vezes, muitas pessoas não entendem, as pessoas querem que as coisas saiam na base da



luta. Outras vezes, muitas coisas que você faz também não aparecem no mesmo ano, muitas vezes as coisas demoram, porque o Brasil tinha uma dívida social secular e você não vai conseguir resolver isso num mandato. Então, as pessoas têm que saber que é um processo de construção. E, muitas vezes, as mudanças que nós queremos, umas podem acontecer rápido, mas outras demoram um tempo.

E quando nós fazemos o jogo democrático, você não faz nunca o que você quer, você faz o que é possível fazer. Você tem Congresso, você tem Poder Judiciário, você tem outras instituições que, mesmo trabalhando harmonicamente, muitas vezes não concordam com as coisas que o governo quer fazer. Um projeto de lei que o governo manda para o Congresso, muitas vezes, o resultado final não é o projeto do governo, é um projeto resultado do debate democrático no Congresso Nacional.

Jornalista: Eu queria falar também de futebol. Eu sei que o senhor gosta de futebol, que joga no fim de semana, que convida os amigos para o Palácio. Como é que é isso? O senhor gosta?

Presidente: Mas deixa eu lhe dizer uma coisa antes: há uma coisa importante aqui no Brasil. No meu governo, nós temos nove ministros sindicalistas. Eu acho que isso nunca aconteceu em nenhum país do mundo. Eu não conheço país no mundo em que haja uma relação do Presidente da República com as organizações da sociedade civil que nós temos aqui, no Brasil. E por que isso? Porque eu era amigo dessa gente, a vida inteira. Então, eu tinha muita relação com ONGs, muita relação com o movimento sindical, muita relação com os trabalhadores rurais. E essa gente continua minha amiga.

Jornalista: O senhor joga futebol com eles?



Presidente: Jogo futebol com muita gente. Não, é que eu penso que...

Jornalista: Todo fim de semana?

Presidente: Não, não. Não, até porque não tenho chance. Tem final de semana que eu vou para São Paulo visitar os meus filhos. Mas eu penso que todo governante deveria, no sábado e no domingo, encontrar algum jeito de diminuir a tensão e fazer alguma coisa, alguma brincadeira com amigos.

Eu, por exemplo, no sábado e no domingo, não leio jornal. Não vejo nenhum programa de política. Se eu vejo televisão, eu vejo... se for programa infantil, ainda melhor. Ou seja, só quero coisa leve, coisa que não me preocupe.

E o futebol ajuda muito, pescar. Tem um lago onde eu moro que tem peixe. Eu e minha mulher vamos para a beira do lago (inaudível). Às vezes não pegamos nenhum peixe, mas o bom de pescar não é apenas pegar o peixe, é a tranquilidade em que você fica, na beira do lago.

Jornalista: Mas me contaram que o senhor é à prova de estresse.

Presidente: Veja, se eu tenho estresse, não sei. Eu fico muito mais nervoso por problemas pequenos do que com grandes problemas. Ou seja, os grandes problemas, as grandes confusões é que motivam a gente a fazer política. Os pequenos problemas, muitas vezes, são coisas simples, que não eram para acontecer e acontecem, isso me irrita profundamente, me irrita mais do que um discurso da oposição contra mim.

Jornalista: Depois que o senhor foi eleito presidente, qual foi a maior surpresa, o que foi mais difícil para o senhor, que não tinha imaginado antes?



Presidente: Primeiro, depois que eu ganhei as eleições, eu passei vários dias imaginando se era verdade que eu tinha ganho as eleições. Quando eu tomei posse, eu ficava imaginando como a democracia é uma coisa fantástica, porque na sociologia política brasileira não se imaginava que um operário pudesse chegar a presidente da República. Eu mesmo não acreditava. E, em 20 anos, organizamos um partido e ganhamos a Presidência, numa demonstração de que isso pode acontecer em qualquer país do mundo.

Ou seja, a minha eleição é a demonstração viva de que a sociedade civil, os trabalhadores, podem governar qualquer país. Tem que se organizar. Essa é uma coisa extraordinária. Você, imagine, em tão pouco tempo, em 20 anos, eu perdi uma eleição para governador de São Paulo, aí fiquei decepcionado em 1982, fiquei decepcionado, que eu não ia ganhar nunca. Depois de um ano eu cheguei à conclusão que precisava continuar organizando os trabalhadores. Em 1986, fui o deputado mais votado da história do Brasil. Depois, eu não quis mais ser deputado.

Depois, eu perdi a primeira eleição para presidente. Eu tive quase 47% dos votos. Fiquei vários meses decepcionado, achando que não valia a pena, pensando em desistir de tudo. Depois, eu fiquei pensando: não é todo dia que um operário tem 32 milhões de votos. Então, eu fiquei imaginando a dimensão do que significam 32 milhões de votos. Imagine 32 milhões de seres humanos se levantarem em um belo dia de manhã pensando em votar em você. Isso me estimulou e fui candidato em 1994.

Até o mês de abril de 1994 eu estava certo de que eu ganharia as eleições. Os meus adversários, com medo de eu ganhar, diminuíram o mandato presidencial, proibiram colocar imagem externa na televisão, e eu perdi. Juntaram-se todos contra mim e eu perdi as eleições. Outra vez, eu pensei em desistir.

Mas, chegou em 1998, eu não queria ser candidato. Eu não queria, porque era muito difícil a eleição, mas eu tive que ser candidato outra vez. Tive



32% dos votos. Aí eu pensei: “Bom, já perdi três eleições, eu acho que está na hora de parar”. Aí, chegou 2002, outra vez eu fui candidato e ganhei. Então, esse processo que aconteceu no Brasil é uma novidade, eu diria, extraordinária para o mundo. Nem na Revolução Russa os trabalhadores chegaram ao poder, nem na Revolução Cubana os trabalhadores chegaram ao governo. E no Brasil, pela via democrática, com debate político, eu fui eleito. Então eu acho que isso pode despertar em outros trabalhadores, no mundo inteiro, a vontade de acreditar como eu acreditei.

Jornalista: O que o senhor aprendeu dos três fracassos seguidos nas corridas presidenciais?

Presidente: Eu aprendi que não foram fracassos. Eu, acho, por exemplo, que a Coréia não teve um fracasso na Copa do Mundo, não teve um fracasso, ela não ganhou. Mas, certamente, despertou paixão pelo futebol, tem muito mais gente, hoje, jogando bola na Coréia. Foi isso que aconteceu comigo, cada vez que eu perdia tinha mais gente caminhando comigo. Então, era uma derrota estimulante. Por exemplo, em 1989 eu fiquei muito frustrado porque eu quase ganhei, e não ganhei. Depois que eu perdi em 1989, eu resolvi viajar o Brasil, eu fiz 91 mil quilômetros de ônibus, de trem, de barco, porque eu queria conhecer o Brasil.

E depois eu me convenci que, se a gente tiver humildade, as derrotas muitas vezes ensinam muito. Hoje eu posso dizer: eu não sei o que teria acontecido se eu tivesse ganhado em 1989. Nós éramos muito jovens, nós éramos muito impetuosos, nós tínhamos muitas utopias, e você não governa com utopia, você governa com o que você pode fazer. Quando você é oposição, você acha tudo. Quando você é governo, você faz as coisas.

Jornalista: Eu quero passar para outro assunto. O senhor, às vezes, tem



posições que contrariam as posições do governo norte-americano. O senhor é antiamericano?

Presidente: Não. Deixe eu lhe contar: os Estados Unidos são o maior parceiro individual do Brasil, a maior economia do mundo, porque nós haveríamos de brigar com os Estados Unidos? Porque nós haveríamos de brigar com a Europa? Ou seja, ao invés de brigar, nós resolvemos fazer política externa, procurar novos parceiros para não ficar dependendo apenas da União Européia e dos Estados Unidos. Então, consolidamos a América do Sul, agimos fortemente na África, no Oriente Médio, a nossa relação com a China é estratégica, com a Índia, tudo isso sem brigar com os americanos.

Tem uma coisa que eu admiro nos americanos: é que eles acreditam no que fazem, são duros nas negociações e querem ganhar sempre. Ora, eu também quero, eu também quero ganhar sempre. Então, nós temos que ser tão duros quanto eles. E quando duas pessoas agem fortemente numa disputa comercial ou política, sempre há possibilidade de cada um ceder um pouco e, de repente, aquilo que era impossível acontece.

Jornalista: (...) na região da América Latina, como na África e no Oriente Médio. Está tentando criar um novo estilo de liderança no mundo com essas novas relações com a África e outros países?

Presidente: Não. Sabe por quê? Porque não é possível você criar a liderança pessoal. Ninguém é líder porque quer ser líder. Você só pode ser líder quando você é reconhecido pelos seus interlocutores. Eu penso que a coisa mais importante que estamos tentando fazer é que o Brasil tenha mais importância na sua relação com os outros países porque aí, se o Brasil for forte, todo e qualquer governo que entrar aqui vai poder fazer um pouco mais. Antes, os dirigentes só viajavam para os Estados Unidos ou para a Europa (falha na



gravação)

Jornalista: ... (inaudível) tentou fazer nos 60, como líder do Terceiro Mundo, como a economia?

Presidente: Não, eu não pretendo, eu não trabalho com essa pretensão de o Brasil liderar. Eu trabalho com a pretensão de que o conjunto de países – que vai desde uma ilha no Caricon até um país como a China – que têm diferenças populacionais, diferenças econômicas, mas nos fóruns internacionais cada um tem um voto. Então, o pequeno é que precisa se valorizar, foi assim que nós criamos o G-20, que pode ajudar a melhorar a relação dentro da OMC. O Brasil é um país que não tem contencioso com nenhum outro país, o nosso povo não gosta de guerra, o nosso povo é alegre, é criativo, gostamos de futebol, gostamos de samba, gostamos de carnaval, somos religiosos, e isso ajuda muito nas nossas relações.

Jornalista: Estive esperando hoje bastante tempo para falar com o senhor e quero fazer mais duas perguntinhas rapidamente. Com relação à Coréia do Norte, qual o recado que o senhor gostaria de passar para ela, que está criando esses problemas com os programas de armas nucleares?

E a segunda pergunta é um recado para o presidente Roh Moo-Hyun, o presidente da Coréia, que o senhor conheceu no ano passado. Antes de encontrá-lo novamente agora, esta semana, qual o recado que o senhor daria?

Presidente: Olha, primeiro, o Brasil é signatário do acordo de não-proliferação de armas nucleares. Pelo contrário, o Brasil trabalha para que os países que têm armas nucleares desativem as suas armas. Eu acho que o mundo não precisa de guerra. O mundo precisa de trabalho, de justiça social. Então, se eu pudesse dar um conselho, eu diria para todos os governantes: “Vamos gastar



menos em armamento e vamos gastar mais em educação”.

Bem, eu espero dizer ao meu amigo, presidente da Coréia do Sul, que eu espero que a Coréia esteja melhor hoje do que estava um ano atrás. Eu tenho vontade de conhecer Seul, quero ver se o povo coreano é tão alegre quanto o povo brasileiro. E espero que o Presidente e eu possamos ter a alegria de concluir que Coréia e Brasil podem andar cada vez mais juntos.

Jornalista: Quando visitar a Coréia do Sul, se mencionar o nome de um jogador de futebol em público, vai ganhar muita popularidade lá.

Presidente: Que jogador? Ronaldinho?

Jornalista: Não, coreano. Então, ela vai mandar os nomes...

Presidente: Qual é o melhor jogador da Coréia?

Jornalista: Rakchu Yan(?)

Presidente: Eu vou mandar o meu time, aqui, contratá-lo.